

**MOSAICOS E MISTÉRIOS: TECENDO A VIDA
ENTREVISTA COM JANETE SANTOS****MOSAICS AND MYSTERIES: WEAVING LIFE
INTERVIEW WITH JANETE SANTOS****Eliane Cristina Testa¹
Lucia Maria de Assis²**

Resumo: Entrevista realizada com Janete Santos, docente e pesquisadora da Universidade Federal do Tocantins, membro da ACALANTO (Academia de Letras de Araguaína e Norte do Tocantins). Na entrevista, realizada no mês de setembro de 2020, Janete fala principalmente de sua produção literária.

Palavras-chave: Janete Santos; literatura no Tocantins; literatura no Norte.

Abstract: Interview conducted with Janete Santos, professor and researcher at the Federal University of Tocantins, member of ACALANTO (Academy of Letters of Araguaína and Norte do Tocantins). In the interview, held in September 2020, Janete talks mainly about her literary production.

Keywords: Janete Santos; literature in Tocantins; literature in the North.

interterfaltainternauta
internet sempre em altainternauta
solidão em banda largainternauta
amor virtual só não basta
Janete Santos, *Mosaico*.

¹ Doutorado em Comunicação e Semiótica (PUC/SP, 2015), Mestrado em Estudos Literários (UEL/PR, 2002). Licenciada em Letras pela FAFIPA (1999). Docente da universidade Federal do Tocantins (UFT/ Câmpus de Araguaína), no Curso de Letras e no Programa de Pós-graduação em Língua e Literatura - PPGL. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0863-4297>. E-mail: lialeny@uft.edu.br

² Pós-Doutoranda no PPGL (UFT/ Câmpus de Araguaína) com Bolsa CAPES/PNPd. Doutorado em Linguística (USP, 2008), Mestrado em Linguística Aplicada (UNITAU, 2002), Especialização em Língua Portuguesa (UGB, 1997), Graduação em Letras – licenciatura – e em Pedagogia (UGB, 1992, 1996). Professora Associada na Universidade Federal Fluminense (Câmpus de Volta Redonda). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7197-381X>. E-mail: lucia.a@uol.com.br

Janete Santos (Janete Silva dos Santos), natural de Macapá-AP, Doutora e Mestre em Linguística Aplicada (Unicamp), residindo no Tocantins desde 2003, é professora associada da Universidade Federal do Tocantins nos cursos de Letras e no PPGL. É contista, cronista e poeta. Tem algumas publicações independentes “Boa Esperança” (Rio de Janeiro: CBJE, 2002); “Tecendo imagens” (São Paulo: Scortecci, 2003); “Rota Macapá/Belém” (São Paulo: Scortecci, 2004); “Retratos Paralelos” (São Paulo: Scortecci, 2005, em parceria com Beliza Cristina e Gislaine Chaves); “Inquietações” (Goiânia: Kelps, 2007, em parceria com Luíza Helena e Eliane Testa); “Mosaico” (São Paulo: LivroPronto, 2011); “(Des)Aprisionamentos” (São Paulo: Livropronto, 2011), duas delas feitas com patrocínio de Fundação Cultural (Amapá e Tocantins). Participou de algumas antologias nacionais (entre elas constam pela Scortecci, pela Iluminatta, pela Rebra, pela Câmara Brasileira de Jovens Escritores etc.), duas da Rebra foram traduzidas para o Francês.

Entrevistadoras: Janete Santos, você poderia nos contar um pouco do seu percurso acadêmico?

Janete Santos: Enquanto professora da educação básica (profissão exercida desde 1986), no final da década de 90, tive a oportunidade de concorrer ao mestrado em Linguística Aplicada/LA (Unicamp), iniciado em março de 1999. Em março de 2001, defendi minha dissertação, formação que me permitiu concorrer a uma vaga para professor assistente na UFT em 2003. Findo o estágio probatório, no final de 2006 concorri ao doutorado também em LA (Unicamp), iniciado em fevereiro/março de 2007, tendo defendido minha tese em 20 de dezembro de 2010. Publiquei meu primeiro artigo acadêmico-científico em 2004, na revista Linguagem em (Dis)curso. No final de 2011 entrei como colaboradora no PPGL, sendo efetivada como permanente em 2012. A defesa de dissertação de meus dois primeiros orientandos (Rosemeire Granada e Gilberto Araújo) foi em 2014. Na UFT tive a oportunidade de ser bolsista/produtividade, de participar como membro interno da Comissão Pibic, de orientar, na graduação em Letras, bolsistas de Iniciação Científica e, desde 2013, de orientar tese também no PPGL. Minhas pesquisas focam principalmente discursos docentes, discurso sobre gramática, construção do *ethos* em relatório de estágio, por exemplo. Tenho participado de alguns eventos fora do estado, apresentando trabalho, bem como, de eventos locais.

Entrevistadoras: Janete, você acha que a escritora se encontra com a Janete professora e acadêmica? Caso isso ocorra, como avalia ter havido esse casamento?

Janete Santos: Não sei se esse encontro existe ou se, existindo, tem alguma marca, visto que me assino como Janete Santos no livros de Contos/Crônicas ou Poesia que já publiquei, e como Janete Silva dos Santos nos artigos acadêmicos, o que pode ser conferido no meu lattes. Talvez tenha feito isso exatamente por uma forma (até inconsciente) de distanciar a professora da escritora. Todavia, nos dados biográficos dos livros, não deixo de informar minha formação e atuação acadêmica, o que não deixa apagar de todo algum encontro.

Entrevistadoras: Janete Santos, poderia nos contar como e quando a sua história literária começou?

Janete Santos: penso que, em geral, todo escritor tem primeiro uma história de leitura e também alguma admiração pela fantasia das histórias. Recordo-me bem que, já na terceira série primária, visitava a biblioteca da escola no horário do recreio (essas terminologias, terceira série primária e recreio, eram a forma de se referirem ao que tocava as escolas durante aquele período na educação brasileira na década de 70) para ler contos de fada, já que em casa não havia diversidade desses livros. O que havia em casa eram algumas coleções de poetas brasileiros que lia encantada pelas rimas, pela sonoridade dos versos. Interessante que agora vejo um cruzamento entre minha profissão e minha pequena produção literária. Eu gostava de levar meus alunos (do fundamental principalmente) à leitura literária de obras juvenis, bem como de induzi-los a criarem história em alguns momentos das aulas de produção de texto. Certo dia, um dos alunos me perguntou, em tom de questionamento crítico, qual história eu já havia escrito, já que eu gostava tanto de fazê-los criar história. Então me senti desafiada a deixar de apenas rabiscar versinhos bobos e passei a me arriscar a escrever crônicas. Gostei da brincadeira e passei a escrever contos e também poesias. Incentivada por amigos, publiquei meu primeiro livro por uma gráfica, com apoio financeiro da Fundação de Cultura do Amapá. Depois de assumir minha vaga na UFT, resolvi pagar pelas publicações dos livros seguintes. Entretanto, em 2007, eu e mais duas poetisas (Eliane Testa e Luiza Helena), também recebemos apoio da Fundação Cultural do Tocantins e publicamos (em três mãos) o livro de poesia *Inquietações*.

Entrevistadoras: Você escreve poemas, contos e crônicas. Em que medida você acha que essas produções literárias ou esses gêneros se encontram (ou não se encontram?), em sua produção literária?

Janete Santos: Lembro de ter apenas uma crônica finalizada com uns versinhos. Todo texto produzido em versos classifico de poema, apesar de que isso não é o que fundamenta essas referências de poema ou poesia, tento fazer alguma distinção entre essas noções, apoiando-me em alguns teóricos desse tipo de produção. Mas eu mesma tenho dificuldade de definir alguns dos meus textos como crônica ou como conto. Às vezes acho que se trata de um tipo de texto que poderia ser classificado como crônicon, referência que peguei de um livro da escritora amazonense Simeia Natércia. Apesar de que *Cronicon* era título do livro por este ser composto por crônicas e por contos. No meu caso, penso que alguns poucos textos meus nem tem as marcas apenas de uma crônica nem de um conto, na acepção mais tradicional, como é o caso do conto (ou crônica) *Boa Esperança*, do meu primeiro livro publicado por gráfica.

Entrevistadoras: Observamos que, em todos os seus livros de poemas, você mobiliza questões bastantes reflexivas em relação à noção de poesia, poema e poeta. Por exemplo, em seu livro *Mosaico*, dedica uma seção para falar “do poético”. Janete, você poderia nos contar por que persegue tal atitude metalinguística (e metapoética e metapoeta)? E se, explorando estes recursos, você acredita que pode ressignificar o fazer poético?

Janete Santos: De fato, essas questões me inquietam, por isso fico tentando fazer distinção entre as três noções através de exercícios poéticos. Mas acredito que até o momento não consegui ficar satisfeita com esse esforço que ressignificar, para mim, tais noções.

Entrevistadoras: Janete Santos, em *(Des)Aprisionamentos*, livro publicado em 2011, você constrói uma “mescla” de crônica (relatos do dia a dia) e de contos. O que você acha do termo “cronicon”, para falar das “verdades ficcionais” que povoam a sua escritura, além de aludir a um “(de)saprisionamento” engendrado de possibilidades pela/com a linguagem?

Janete Santos: Eu aprecio muito o termo crônicon, não apenas por tratar de dois gêneros separados, mas principalmente pela possibilidade de mesclar os dois gêneros numa mesma narrativa. Eu mesma tenho certa dificuldade para classificar com exatidão os dois gêneros em alguns escritos meus.

Entrevistadoras: Toda negação implica uma afirmação. Logo, ao afirmar “Não sou poeta” (em *Retratos paralelos*, 2004), a poeta que é, joga com o tempo (e com as suas variadas formas de passagens), a partir de um labor com a linguagem materializado em versos, comentários, breves, sintéticos. Para você, Janete, como uma “guardiã” da poesia, de verve poética desassossegada, o que a palavra poética vivifica nos (des)encontros com a vida, ou em seus retratos paralelos e/ou possíveis?

Janete Santos: Realmente a negação é uma forma de afirmação às avessas. Penso que todo mundo que se arrisca a pisar o “castelo encantado/assombrado” do poeta que mora em nosso imaginário, vive também momentos preches de dúvidas sobre o seu próprio fazer poético, porque o legítimo avaliador de nosso labor é o leitor. Então dialogamos com esses possíveis leitores (vozes) que nos incentivam e nos ameaçam incessantemente, mas que, por isso mesmo, não nos deixam sossegados em nosso a fim de que estejamos sempre insatisfeitos e envolvidos com a luta pela palavra.

Entrevistadoras: Janete Santos, em vários de seus escritos aparece a figura da região amazônica. No livro *Tecendo Imagens*, na crônica *Simplesmente*, surge Clemente, o lavrador; em *Registros*, a vida simples da região; em *Fertilização*, a “madre” Amazônia, solo pungente, vida que cresce; em *Ouçá, cá, Seu moço*, estão presentes as belezas do rio Araguari. Conte-nos um pouco desses trânsitos, dessas “rotas” em suas ficções.

Janete Santos: O escritor nortista também é muito afetado pelo seu lugar de pertença. Tem carinho e respeito por ele e pelo povo da região. Nada mais natural que querer não apenas registrar sua versão sobre fatos e contemplações, mas também de homenagear a existência das pessoas do lugar e as paisagens de ambientes que, em certos momentos, nos parecem deveras encantados

Entrevistadoras: No livro *(Des)Aprisionamentos*, o conto *A campanha de Orélio*, apresenta uma discussão sobre “a proteção e o desenvolvimento lúcido da Amazônia, a qual vivia no descaso do resto do país”. Ali, defende-se a identidade do povo amazônida: mais afetuoso, mais humano e mais amigo do meio ambiente. Por que faz essa defesa?

Janete Santos: Pode parecer piegas, mas quando se convive com os povos da floresta, com os ribeirinhos, com os colonos, a gente percebe que eles têm poucas ambições em relação à exploração da natureza. Consomem apenas o que precisam, não são predadores. Eles foram responsáveis por ainda termos certo equilíbrio no meio ambiente, enquanto estiveram fora do raio de ação dos exploradores. Aliás, são as grandes corporações que podem transformar alguns deles em instrumentos-predadores, quando os cooptam para ajudar a danar a mata. O raciocínio do amazônida nato é o uso responsável dos bens naturais.

Entrevistadoras: Atualmente, já desde o ano de 2003, você reside em Araguaína, fazendo do Tocantins o seu novo lar. Você poderia nos falar qual é o papel que os costumes, a cultura do que podemos chamar de Amazônia Legal assume na sua escrita (e quem sabe na vida)?

Janete Santos: Logo que aqui cheguei fiquei encantada com a paisagem, as montanhas na estrada, os platôs que a gente pode apreciar quando vai de carro para Palmas, o rio, o cerrado, os ipês lindos, coloridos. Via alguns assentamentos na beira da estrada e as pessoas vendendo suas frutas. Isso me tocou mais ainda, pois me pareceu muito familiar, já que convivi no Amapá com colonos da antiga estrada de ferro, hoje totalmente abandonada após o fim da ICOMI, os pequenos agricultores que sofriam muito para conseguir escoar sua pequena produção, até que políticas de auxílio foram implementadas por um excelente secretário de agricultura, que depois foi inclusive um dos melhores governadores do estado do Amapá. Essa forma de vida simples de produção e de negociação dos produtos feita diretamente com o consumidor final parece algo a caracterizar, para mim, o comportamento na Amazônia legal. É um modo de vida, é um modo de consumir sem matar o ambiente e sem danificar a agricultura, pois o uso de agrotóxicos, nesse tipo de produção, não é a tônica. É uma relação de respeito pela vida.

Entrevistadoras: Na crônica *A melhor cidade do mundo*, você afirma que a melhor cidade do mundo é aquela onde mora o seu coração, ou ainda “o amado berço, a preferida, a menina dos olhos”, como em *Ladainha*. Assim, em que medida Araguaína (o Tocantins) se relaciona com Macapá (o Amapá)?

Janete Santos: essa crônica foi feita quando eu saí de Macapá pela primeira vez para ficar certo tempo fora, quando fui morar um tempo em Campinas-SP. A saudade de casa, dos familiares, dos ambientes habituais foi muito forte, não estava acostumada a ficar por tanto tempo longe fora. Nisso tive esse devaneio do quanto nosso lugar de pertença nos faz falta, se não temos espírito assim tão aventureiro. Quando vim pra Araguaína, foi o segundo momento de separação também dolorosa, mas bem menor, já que o ambiente daqui lembrava muito o do Amapá, e após três anos, já havia construído um bom círculo de amigos e conhecidos, então a separação se tornou mais tolerável. Hoje já me sinto parte desta terra, nada mais aqui me soa estranho. Gosto do lugar, das pessoas e me acostumei ao ritmo de vida da região: onde está nosso coração somos felizes em boa medida.

Entrevistadoras: Observamos que a presença/ausência da mãe está contemplada na sua produção literária. Destacamos poemas do livro *Tecendo Imagens*, nos quais a oração denota a eterna preocupação da mãe com seus filhos e, por isso, a súplica pelo velar divino (Bênção de Mãe); o sentimento explode em lembranças, com a dor retomada ao ouvir uma canção (Há saudades). No livro *(Des)Aprisionamentos*, em *Consciência Cidadã*, mesmo que *en passant*, retoma a questão, falando sobre o dia das mães e como isso se reflete no comércio, no consumo. Então, por falar em mãe, você demonstra enorme simpatia por aqueles que valorizam suas mães e fala sobre a perfeição da sua, revelando sua perda aos cinco anos de idade. Você pode nos contar como as lembranças do vivido na primeira infância, os poucos anos em que pôde desfrutar da presença física de sua mãe, compõem esse sujeito que, respeitosamente, chamamos Janete?

Janete Santos: devo assinalar que tive um bom pai, muito atencioso, cuidadoso e próximo. Mas mãe é mãe. A minha era extremamente carinhosa, amorosa. Foi a maior perda que eu já tive na vida, pois, aos cinco anos, a gente vive a ilusão de que somos o centro do mundo, principalmente quando se tem uma mãe como a minha. Lamento até hoje nunca poder ter

feito nada por ela. Assim desenvolvi um carinho e respeito muito grande por pessoas que valorizam a sua mãe. Sei que a relação de filhos com a mãe é afetada por N variáveis. Quando vejo filhos fazendo pouco caso da mãe, entendendo que eles não possuem a mesma experiência que eu, por isso não sabem dar o valor que julgo que todos deveriam dar. Como eu sofri muito a perda da minha, não lamento não ter casado nem não ter tido filhos gerados por mim. Tomo isso como uma bênção. Sofreria muito se houvesse gerado filhos que eu não pudesse criar. Mas ainda bem que as pessoas não pensam como eu: o que seria do mundo se todo mundo fechasse a madre? (rs). Entretanto, sempre gostei muito de crianças, ajudeis a criar meus irmãos menores e meus sobrinhos, que considero como filhos. Então não me julgo nenhum pouco devedora da maternidade. Estou quites com a vida (rs).

Entrevistadoras: Janete, sua produção poética reflete uma consciência da tradição literária, pois vemos que escreve sonetos, haicais, poemas líricos. Como você vê essa questão da tradição literária?

Janete Santos: nossa produção diz muito sobre as formas poéticas que a família e a escola nos socializaram. Meu pai tinha uma coleção de livros de poemas brasileiros clássicos e nos deixava ler para passar o tempo. Ganhei alguns livros de amigos, comprei outros. Recebi empréstimos de outras para ler. Nos exercícios de escrita evidentemente que essas formas se faziam presentes. Não sou perita em nenhuma delas, mas sou curiosa e gosto de testar. Aprecio muito um poema bem cadenciado e bem rimado, mas também sei apreciar os versos brancos com conteúdo de impacto. Nesse tipo de produção ainda tenho muito o que aprender.

Entrevistadoras: E por último, conte-nos se há novos livros e/ou outros projetos vindo por aí.

Janete Santos: tenho a pretensão de publicar mais um livro de poemas, não sei quando, mas continuo escrevendo. De contos também talvez.



Recebido em 15 de setembro de 2020.

Aceito em 11 de outubro de 2020.